

"Geração de Ouro" do Futebol Português: Contributos para uma explicação do seu sucesso

Autores

Hugo Sarmento¹; Maria Teresa Anguera²; Antonino Pereira³; Duarte Araújo⁴

hugo.sarmento@uc.pt

Resumo

As conquistas dos campeonatos do mundo de Riade (1989) e Lisboa (1991) pela "Geração de Ouro" foram um marco incontornável nos mais de 100 anos da Federação Portuguesa de Futebol (FPF) e do desporto em Portugal. Este estudo procurou perceber quais os processos subjacentes a este acontecimento histórico do futebol português.

Através de uma perspetiva bio-ecológica de Bronfenbrenner [1, 2] foram desenvolvidas entrevistas semi-estruturadas aplicadas aos jogadores, treinadores e outros significativos; bem como uma análise documental aos media e a documentos fornecidos pelos intervenientes.

Os resultados permitiram estabelecer o "Modelo de Desenvolvimento da Geração de Ouro". Ao nível do macro-ambiente destacam-se as dinâmicas relacionadas com: alterações culturais, publicação de legislação específica por parte do governo, incremento da formação académica e técnica, e modernização e profissionalização da FPF. A nível do micro-ambiente, salienta-se o trabalho da equipa técnica relacionado com: o processo de identificação e desenvolvimento de talentos, o sistema competitivo, a rotura metodológica no processo de treino, a criação de uma identidade coletiva no grupo.

A criação de uma estrutura sociocultural de suporte à preparação do grupo parece ter sido determinante para o sucesso desta geração. No entanto, destaca-se a intervenção minuciosa ao nível dos diferentes fatores subjacentes ao rendimento desportivo como o fator diferenciador neste percurso superiormente dirigido pelo treinador Carlos Queiroz.

Palavras-chave: Ambiente Sócio-cultural, Modelo de Preparação Desportiva, Análise Sócio-Histórica

¹ Centro de Investigação do Desporto e da Actividade Física (CIDAF), FCDEF, Universidade de Coimbra

² Instituto de Neurociências da Universidade de Barcelona

³ Centro de Estudos em Educação, Tecnologias e Saúde (CI&DETS)

⁴ Centro Interdisciplinar de Estudo da Performance Humana, FMH, Universidade de Lisboa



INTRODUÇÃO

A vitória obtida pela seleção Portuguesa Sub-20 frente à Nigéria (03/03/1989) catapultou, definitivamente, a "Geração de Ouro" para a ribalta do futebol Mundial. Pela primeira vez na história desta modalidade, uma Seleção Nacional conquistava um título de campeã do mundo. Jogadores como João Pinto, Paulo Sousa, Fernando Couto seriam os percursores de um conjunto notável de futebolistas. Dois anos mais tarde, Queiroz conduziria outro grupo de jovens a um feito semelhante (Mundial de 1991), com nomes tão sonantes como Figo, Rui Costa, Peixe ou Jorge Costa. Até ao ano de 2016 (Seleção A, campeã da Europa), nunca outra seleção portuguesa obteve títulos como os de Riade e Lisboa. A "Geração de Ouro" marcou uma nova era do futebol Português, projetando jogadores para as melhores equipas do mundo.

Embora os estudos sobre o desenvolvimento do talento desportivo se tenham centrado em aspetos particulares e pontuais [3, 4], relacionados com o sucesso/insucesso dos atletas, a literatura científica começa a procurar ligar estas parcelas em visões integradas [5, 6] proporcionadas por teorias robustas como a Bioecológica de Bronfenbrenner [1, 2]. Assim, através de uma abordagem holística ao processo de desenvolvimento da "Geração de Ouro" estudámos questões como: (1) O que foi feito no âmbito das Organizações Desportivas implicadas para se atingir tais resultados? (2) Quais as circunstâncias que possibilitaram que jogadores selecionados de uma base de recrutamento tão reduzida como a Portuguesa se tornassem referências mundiais?

METODOLOGIA

Procedeu-se a uma abordagem mista (qualitativa/quantitativa).

Amostra

Participaram neste estudo 31 (dos 34) jogadores que se sagraram campeões do mundo de sub-20 (1989 e 1991). Destes, 19 atingiram o nível internacional pela equipa sénior (grupo "elite"), sendo que os restantes 15 não atingiram esse patamar (grupo "não-elite"). Foram entrevistados os dois treinadores (Carlos Queiroz e Nelo Vingada), bem como outros 8 elementos considerados significativos (Tab.1).



Tabela 1 – Caracterização dos "outros significativos" entrevistados

Nome	Motivo que proporcionou a realização da entrevista				
Arcelino Mirandela da Costa	Ex-diretor da Direção Geral dos Desportos (DGD). Liderou o Gabinete de futebol				
	no Instituto Superior de Educação Física (ISEF), na altura em que Carlos Queiroz				
	era aluno.				
António Cotrim	Jornalista presente em ambos os campeonatos do mundo sob análise.				
Jorge Batista	Jornalista presente em ambos os campeonatos do mundo sob análise.				
Catoja	Membro da equipa médica da Federação Portuguesa de Futebol (FPF), tendo				
	acompanhado as Seleções de Lisboa e Riade.				
Carlos Godinho	Dirigente da Federação Portuguesa de Futebol antes, durante e após os				
	campeonatos do Mundo de Riade e Lisboa				
Amaldo Cunha	Treinador das camadas jovens do Sport Lisboa e Benfica, tendo orientado alguns				
	dos jogadores da geração de ouro. Adicionalmente foi aluno de Carlos Queiroz				
	no ISEF e, posteriormente (e ainda atualmente) à realização dos campeonatos				
	do Mundo de Lisboa e Ríade, dirigente da FPF.				
José Alves Diniz	Atualmente docente na Faculdade de Motricidade Humana (FMH) da				
	Universidade de Lisboa. Produziu trabalhos audiovisuais de cariz técnico-				
	pedagógico com Carlos Queiroz e Nelo Vingada.				
Rui Claudino	Atualmente docente na FMH. Foi aluno de Carlos Queiroz e trabalhou com ele				
	em diversas situações, sobretudo no âmbito da observação e análise de jogo,				
	recorrendo a suportes informáticos avançados para aquela época.				

Procedimentos

Inicialmente foram analisados os jornais desportivos da época bem como documentos fornecidos pela FPF (atas de reuniões, projetos desportivos, registos oficiais, etc.). A caracterização retrospetiva da carreira desportiva dos jogadores efetivou-se através da realização de uma entrevista semi-estruturada (qualitativa e quantitativa), de forma presencial, utilizando uma adaptação de protocolos existentes [6, 7] ao contexto do futebol. Para cada estádio de desenvolvimento (6-12; 13-15; 16-18 anos, ≥ 20 anos) as questões foram organizadas em quatro grupos: (1) padrões de treino; (2) influências sociais; (3) fatores pessoais. Através de um outro guião de entrevista, os treinadores e demais entrevistados foram convidados a comentar: (1) a organização geral do futebol dessa época (FPF, Associações Distritais de Futebol (ADF), sistema competitivo, relacionamento com o governo e sistema educativo); (2) benefícios da relação escola/desporto; (3) dimensão histórica, financeira e de recursos humanos – da FPF e do contexto sociopolítico desportivo e geral; (4) processo de seleção e desenvolvimento de talentos; (5) processos de treino vigentes em Portugal. Os guiões foram submetidos a um processo de validação por peritagem (Tab. 2).



Tabela 2 – Processo de certificação da validade de conteúdo da entrevista

Etapas de certificação da validade de conteúdo da entrevista

Guião de entrevista (quantitativa e qualitativa) para jogadores

- 1 Elaboração da primeira versão do guião Tendo por base a adaptação de protocolos existentes [6, 7], mas também a introdução de perguntas relacionadas com o percurso desta geração e que resultaram, sobretudo, da análise documental efetuada previamente.
- 2 Validação da primeira versão do guião, efetuada por peritagem- Consulta a sete peritos: (1) dois jogadores com percurso internacional, com presenças nas seleções nacionais na época em estudo (atletas que apesar de serem internacionais não fizeram parte da "Geração de Ouro"); (2) dois docentes universitários (Doutorados) especialistas em Metodologia Qualitativa; (4) um docente universitário (Doutorado) com experiência de lecionação da modalidade de Futebol e ampla experiência como treinador da modalidade; (5) um dirigente desportivo, mestre em sociologia do desporto e ex-praticante de futebol; (6) um treinador de futebol (Grau III), com ampla experiência e conhecedor das dinâmicas desportivas da época em questão.
- 3 Reformulação do guião da entrevista Tendo por base as sugestões dos peritos e que incidiram, principalmente, na alteração de alguns termos que poderiam revelar alguma dificuldade de compreensão para os entrevistados.
- 4 Realização de uma entrevista piloto Cujo objetivo foi avaliar a clareza e pertinência das questões da entrevista. O jogador entrevistado já havia terminado a carreira, e possuía um percurso, semelhante ao dos jogadores da "Geração de Ouro". Procurou-se, deste modo, que este jogador reunisse condições semelhantes às dos futuros entrevistados.
- 5 Versão Final do Guião: Decorrente das reflexões da análise da entrevista piloto, elaborou-se uma nova versão do guião da entrevista, a qual foi, novamente, submetida aos peritos e da qual resultou a versão final.

Guião de entrevista (qualitativa) para treinadores e "outros significativos"

- 1 Elaboração da primeira versão do guião Tendo por base a análise documental efetuada previamente.
- 2 Validação da primeira versão do guião, efetuada por peritagem Consulta a cinco peritos: (1) dois docentes universitários (Doutorados) especialistas em Metodologia Qualitativa; (2) um docente universitário (Doutorado) com experiência de lecionação da modalidade de Futebol e ampla experiência como treinador da modalidade; (3) um dirigente desportivo, mestre em sociologia do desporto e ex-praticante de futebol; (4) um treinador de futebol (Grau III), com ampla experiência e conhecedor das dinâmicas desportivas da época em questão.
- 3 Reformulação do guião da entrevista Tendo por base as sugestões dos peritos e que incidiram principalmente na alteração de alguns termos que poderiam revelar alguma dificuldade de compreensão para os entrevistados.
- 4 Realização de entrevista piloto Cujo objetivo foi avaliar a clareza e pertinência das questões da entrevista. Foram entrevistados um treinador e um dirigente desportivo. Os entrevistados possuíam uma idade semelhante aos treinadores e "outros significativos" entrevistados, e um percurso desportivo que lhes permitia serem conhecedores da dinâmica específica.
- 5 Versão final do guião: Decorrente das reflexões da análise da entrevista piloto, elaborou-se uma nova versão do guião da entrevista, a qual foi, novamente, submetida aos peritos e da qual resultou a versão final.



Análise de dados

Dados qualitativos

As entrevistas e notas resultantes da análise documental (incidindo sobre o percurso até ao ano de 1991) foram transcritas e codificadas (Software QSR Nvivo 10) utilizando uma abordagem dedutiva e indutiva [1, 6-8]. Foi garantida a legitimidade metodológica através do recurso a procedimentos diferenciados [9] (Tab. 3).

Tabela 3 – Procedimentos realizados no âmbito da legitimação metodológica

Legitimação Metodológica							
Credibilidade	1 - Envolvimento prolongado: O primeiro autor envolveu-se ao longo de 3 anos na pesquisa						
	em causa, procurando perceber a cultura dos participantes						
	2 - Revisão pelos participantes: (1) Imediatamente após a realização da entrevista						
	existindo a possibilidade de correção/alteração de algum ponto de vista ou ideia por parte do						
	entrevistado; (2) Análise da transcrição completa da entrevista, possibilitando a						
	correção/alteração de algum ponto de vista ou ideia por parte do entrevistado; (3) Análise do						
	relatório final por parte de um grupo de entrevistados, no sentido de ser analisada a						
	adequação das interpretações feitas pelo investigador.						
	3 - Revisão por pares: Todas as unidades de significado e categorias estabelecidas foran						
	alvo de revisão por elemento doutorado em Ciências do Desporto com ampla experiência en						
	estudos de cariz qualitativo e conhecedor do objeto de estudo.						
	4 - Triangulação de fontes: Utilização de fontes quantitativas/qualitativas por forma a						
	elucidar aspetos complementares do mesmo fenómeno						
Confirmabilidade	 1 – Auditoria: Realizada por um elemento externo ao grupo de investigação, mas com un 						
	conhecimento profundo sobre as metodologias e sobre o objeto de estudo. Foi analisado o						
	processo e o produto da investigação, com o objetivo de avaliar até que ponto os resultados						
	interpretações e conclusões refletem com precisão (ou não) os dados.						
Transferibilidade	1 - Descrição densa: Foi efetuada uma descrição pormenorizada de todo o processo, nun						
	relatório final ¹ de cerca de 400 páginas que agora se sintetiza neste documento.						

Dados quantitativos

Recorreu-se a testes não paramétricos (Mann-Whitney e Friedman) para comparação das diferentes variáveis, nomeadamente: pressão/suporte parental/ treinador; influência de pais/pares/irmãos; nº de atividades e horas de prática estruturada/não-estruturada; nº minutos jogados/internacionalizações (SPSS, v. 24.0).



APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO RESULTADOS

A abordagem bio-ecológica ao processo de desenvolvimento da "Geração de Ouro", permitiu estabelecer o "Modelo de Desenvolvimento da Geração de Ouro" (MDGO) (Fig. 1).

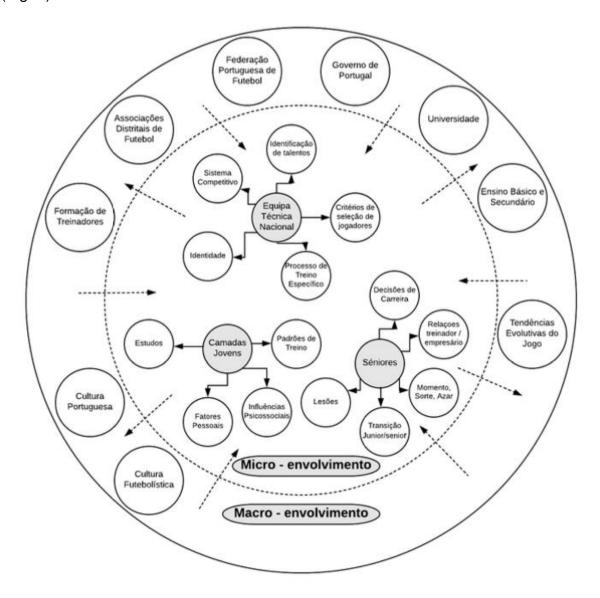


Figura 1 - Modelo de Desenvolvimento da Geração de Ouro

Macro-envolvimento

A "Geração de Ouro" encontra-se associada: (1) ao momento pós-revolução de 1974, caracterizado por mudanças radicais a nível cultural, social e na educação, e; (2) aos acontecimentos do Mundial de "Saltillo". O MDGO plasma a dinâmica do macroambiente que potenciou um conjunto de transformações que se revelaram positivas



para o desenvolvimento do futebol em Portugal, sobretudo através das interações que se estabeleceram entre: (1) as mudanças na cultura portuguesa e na cultura desportiva, caracterizada agora por um contexto liberal; (2) o incremento da qualidade da formação académica na área das Ciências do Desporto; (3) a abertura das estruturas governativas à publicação de legislação especifica relativa à promoção e generalização da atividade desportiva (Lei de Bases do Sistema Desportivo - LBSD) bem como à proteção dos direitos dos atletas-estudantes de alta competição; (4) a modernização e profissionalização da FPF e das ADF; (5) o conhecimento e a adequação às tendências evolutivas do jogo a nível internacional.

Este processo teve início no ISEF onde, constatando a fragilidade na formação especifica de futebol, Queiroz (enquanto aluno) liderou um movimento no sentido de se estabelecer um gabinete de futebol.

Como não se conseguia arranjar um professor para a especialização de futebol, fui ao Instituto do Desporto pedir ao Jesualdo Ferreira para ser o nosso professor no ISEF.

Carlos Queiroz

Neste gabinete (com Jesualdo Ferreira e Nelo Vingada) a liderança de Mirandela da Costa destacou-se pela competência, conhecimento e dinâmica que imprimia ao processo de formação dos alunos e assistentes. Fomentou, ainda, a publicação de uma revista técnica pela FPF, "Futebol em Revista", que chegava às mãos dos treinadores de futebol.

Foi um laboratório de ideias, de investigação, de formação, de acerto de conteúdos, de discussão e análise...

Mirandela da Costa

Paralelamente, começou a dinâmica de implementação dos cursos de treinador de futebol que muito beneficiariam o futebol juvenil.

Em 1982 faz-se o curso piloto de formação de treinadores no Algarve.

Arnaldo Cunha



Fala-se na geração dos talentos, mas esquecemo-nos muitas vezes de falar na geração dos treinadores. Surgiu um grupo de treinadores com muita qualidade...

Mirandela da Costa

Coincidentemente, Mirandela da Costa assumia o cargo de Diretor Geral da então designada DGD. O profundo conhecimento que possuía, aliado à relação de proximidade com Queiroz, permitiu que fossem dinamizados projetos (e.g., contratos de desenvolvimento desportivo, projeto "Skillito", futebol escolar) que generalizaram a prática do futebol em Portugal.

Comecei a fazer crescer o número de praticantes no futebol, porque a base do futebol juvenil tinha que crescer em duas componentes, ao nível da elite e ao nível do conceito americano *from many comes one*.

Carlos Queiroz

Num clima futebolístico marcado pelos acontecimentos de Saltillo, o leque de reformas implementadas foi muito amplo. Mirandela da Costa ao fazer publicar a LBSD (determinante para a criação da Liga Profissional de Futebol), rompeu com um passado legislativo que não era atualizado há cerca 50 anos. Ademais, após a conquista de Riade, é publicado o estatuto do atleta de alta competição.

O documento elaborado pela Administração Pública Desportiva e com a colaboração de dirigentes e técnicos do associativismo desportivo, foi presente ao Governo e enviado para a Assembleia da República. Após discussão, análise e aprovação foi publicada a Lei n.º 1 de 1990 como LBSD.

Mirandela da Costa



Recebi tantas críticas por causa das incompatibilidades dos atletas com os estudos! (...). Começamos a propor uma série de medidas que resultaram numa legislação, o Estatuto do Atleta de Alta Competição.

Carlos Queiroz

Queiroz assumiu na FPF a liderança de significativas reformas estruturais, e procurou dinamizar uma corrente de opinião técnica a nível nacional.

Em 1984 procurei institucionalizar o departamento técnico de futebol!

Carlos Queiroz

Adicionalmente, efetuava um estudo sistematizado do jogo de futebol, que lhe permitiu moldar o processo de preparação das equipas, de acordo com as tendências evolutivas do futebol mundial. Esse trabalho valorizou o patriotismo enquanto contributo para a identidade coletiva.

Tínhamos saído da Revolução de 74, que pôs em causa certos valores e princípios na sociedade (...) Na seleção ninguém sabia sequer a letra do Hino Nacional (...) obriguei os jogadores aprendê-lo e a cantá-lo. Passava sobretudo pela (...) nossa identidade (...) as cores da bandeira (...) Fui eu que, polemicamente, introduzi o amarelo nas cores da Seleção, porque até então, as cores da esfera nunca fizeram parte do equipamento. (...) Recorri a esta simbolização para fazer acordar o *status quo*, porque estava tudo acomodado...

Carlos Queiroz

No entanto, a capacidade visionária de Queiroz nem sempre teve o melhor acolhimento, como prova a proposta efetuada para a criação da "Academia do Futebol" (Fig.2), que só viria a ser efetivada 30 anos depois sob a designação de "Casa das Seleções".



VIII

NO ESPAÇO DE UM ANO A CONTAR DO PRESENTE ACORDO SERÁ ELABORADO E APRESENTADO PARA APROVAÇÃO, SOB PROPOSTA DO SELECCIONADOR-TREINADOR NACIONAL O PROJECTO DESIGNADO "ACADEMIA DO FUTEBOL" ESTRUTURA TÉCNICA E CIENTÍFICA A INSTITUCIONALIZAR NO SEIO DA FPF E SUBORDINADA À AUTORIDADE DIRECTA E ESPECÍFICA DA DIRECÇÃO DA FPF, ESTRUTURA VOCACIONADA PARA:

- INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO E DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS AGENTES DO FUTEBOL COM UMA FUNÇÃO DE ELEVAÇÃO DE RENDIMENTOS E COM UMA FUNÇÃO PROSPECTIVA.
- 2) INSTITUCIONALIZAÇÃO DA ESTRUTURA DE ACOLHIMENTO DESIGNADA <u>RESIDÊNCIA DAS SELECÇÕES NACIONAIS</u>, ESPAÇO NOBRE DEDICADO À FORMAÇÃO E PREPARAÇÃO DAS EQUIPAS REPRESENTATIVAS NACIONAIS.

Figura 2 – Retirado de: Federação Portuguesa de Futebol (1991). Anteprojeto de Programa de Medidas a Curto Prazo (pág.7), elaborado por Carlos Queiroz.

Micro-ambiente

A equipa técnica promoveu: (1) dinâmicas especificas de identificação e seleção de talentos; (2) a modificação do modelo competitivo; (3) a implementação de uma rotura metodológica do processo de treino anterior; (4) o desenvolvimento de uma identidade da seleção, enquanto equipa.

Queiroz revolucionou o processo de identificação de talentos, através da realização de um torneio nacional. Neste torneio cada uma das ADF apresentava os seus melhores jogadores sub-15, possibilitando a observação e respetiva seleção de 35/40 dos melhores futebolistas a nível nacional, observados sob o prisma das tendências evolutivas do jogo, e o que era desejável a nível sénior.

A primeira grande componente de reformulação foi ao nível dos critérios de observação e análise de jogadores. A segunda componente surgiu com os métodos de seleção, e é quando eu lanço aquilo que se chamam os torneios inter-associações (...) Temos que ir buscar à partida os mais aptos, o mais cedo possível, e isolar os mais aptos de ambientes normais...

Carlos Queiroz



O recrutamento acabou por se traduzir em algo muito simples. Essa foi a ideia do "Ovo de Colombo" do Queiroz.

Nelo Vingada

A estruturação da identidade coletiva e de um modelo de preparação próprio foi construído ao longo dos anos.

A chamada "Geração de Ouro" tinha, além da qualidade técnica, uma coisa que é uma mais-valia na competição: tinha identidade de princípios, de conceitos, um modelo estabilizado e possuía um sentido coletivo que estava no ADN dos jogadores.

No primeiro dia que passámos a fronteira com essa geração, as palavras que eu mais ouvia eram: "Isto é tudo bestial!". Lá fora, era tudo bestial (os carros, as miúdas, etc.)! (...) Foi necessário cortar com esta mentalidade de que quando passávamos a fronteira, já estávamos a perder 3-0. (...) adquiriram uma grande atitude competitiva, a agressividade, o não ter medo da bola. (...) Chegaram a um ponto que tinham um "descaramento"! Ganharam um estatuto e uma personalidade de tal maneira que às vezes até me atemorizava...

Carlos Queiroz

Este conjunto de mudanças culmina com o modelo desenvolvido para o processo de treino. Um modelo (de treino e de jogo, e de observação e análise de jogo) que acabou por antecipar em décadas o *modus operandi* atual, incluindo os quadros competitivos.

O modelo competitivo é tão importante! (...) Como eu já conhecia a mentalidade dos dirigentes da FPF (...) comecei a deixar de fazer propostas ao nível central. Deslocava-se às diversas ADF do país, apresentava as minhas propostas, e depois esperava que fossem eles próprios a propor à FPF essas alterações.

Carlos Queiroz



O Queiroz em termos de visão e de metodologia de treino estava muito à frente (...) uns 20/30 anos à frente de qualquer outro treinador.

Jorge Costa

Ele analisava os adversários e a própria equipa. O Professor Queiroz há 30 anos atrás já fazia isso. Naquela época ninguém fazia esse tipo de trabalho.

Luís Miguel

Sobre as <u>características individuais</u>, salienta-se que também neste grupo se fez sentir o efeito da idade relativa, sendo que 76% dos futebolistas nasceram no primeiro semestre de seleção [3]. Quantitativamente, 56% dos jovens da "Geração de Ouro" vieram a representar a seleção A (Tab.4), o que representa uma percentagem muito superior ao constatado recentemente (34%) por Barreiros [10], que analisou o percurso internacional de futebolistas portugueses (Sub-16 a seniores).

Estes jogadores tiveram percursos muito semelhantes nas camadas jovens, sendo que os seus padrões de competição (Tab. 5 e 6) a nível internacional revelam uma especialização precoce na modalidade [3], em congruência com outros estudos [10] sobre futebolistas portugueses.



Tabela 4 – Dados relativos ao número de internacionalizações e minutos jogados por cada um dos jogadores da "Geração de Ouro" em cada um dos escalões.

	Sub-16		Sub	-17	Sub	-18	Sub	-20	Sub	-21	Sel. "A"	
	Inter.	Min.	Inter.	Min.	Inter.	Min.	Inter.	Min.	Inter.	Min.	Inter.	Min.
Figo	15	1330	6	517	21	1725	12	955	7	630	127	9603
Fernando Couto					11	861	4	360	7	613	110	9177
Rui Costa					4	170	11	807	19	1474	94	7044
João Pinto	15	1350			22	1827	18	1554	16	1304	81	5630
Paulo Sousa	8	568			4	283	2	136	9	643	51	3894
Jorge Costa	10	900			27	2313	10	855	22	1870	50	4089
Capucho							8	206	20	1610	34	1174
Folha	12	746			4	260	4	110	9	404	26	1568
Paulo Madeira	12	1080			6	282	6	380	17	1530	24	1875
Abel Xavier	14	1260	6	540	9	810	9	694	21	1693	20	1535
Paulo Alves			-	•	10	817	4	174	9	691	13	468
Peixe	16	1270	6	540	18	1459	11	893	15	1155	12	948
Nelson	10	1270	U	340	10	1439	4	133	22	1976	10	633
					6	126						
Jorge Couto		60.0			5	136	4	236	15	1255	6	157
Rui Bento	7	630			28	2590	12	1080	17	1530	6	540
Tulipa	12	962	5	380	1	45	5	340	8	507	3	42
Filipe					8	636	5	369	14	1141	3	71
Paulo Torres	10	900			21	1850	12	1077	23	1933	2	123
Hélio	15	1227			8	720	6	540	19	1593	1	5
Bizarro	21	1861			5	340	6	540				
Brassard	9	810			21	1890	9	765	28	2276		
Tó Ferreira Abel Silva	13	1045			14	1227	4 5	270 405	3 13	64 1029		
Tozé	15	1257			14	1260	6	540	2	155		
Resende	15	1285			9	685	2	135	7	384		
Amaral	14	959			10	631	3	252	9	541		
Xavier	15	1106			6	482	3	189				
Morgado					12	1080	6	540	13	1100		
Valido					8	720	6	540	12	969		
Cao							6	325	3	225		
João O. Pinto	10	889			30	2234	9	326	12	505		
Luís Miguel	7	266			18	1103	5	181	3	142		
Toni					14	955	11	789	21	1732		
Gil	8	699	6	540	15	1227	11	878	19	1321		

^{*} Dados retirados do site oficial da Federação Portuguesa de Futebol Legenda: Inter.- Número de internacionalizações; Min.- Número de minutos jogados



Tabela 5 – Análise da idade de início em competições internacionais.

		Competições internacionais								
		Idade de Início	Sub-16		Sı	ıb-18	Sub-20			
	n	M (DP)	n	%	n	%	n	%		
Grupo Elite Grupo Não-elite	19 15	15,93 (1.49) 15,95 (1.39)	12 10	63,2 66,7	6 2	31,6 13,3	1 3	5,3 20		
Total	34	15,94 (1.41)	22	64,7	8	23,5	4	11,8		

Tabela 6 – Análise do percurso internacional dos jogadores da "Geração de Ouro"

	Sul	b-16	Sub-18		Sub-20		Sub	-21	Total	
	E	NE	E	NE	E	NE	E	NE	E	NE
Nº de internacionali- zações	8.9 (8.0)	8.9 (7.2)	10.9 (9.1)	11.7 (7.9)	7.7 (4.1)	6.47 (2.67)	15.6 (5.4)	11.1 (7.9)	36.7 (17.2)	43.1 (18.4)
Nº min. jogados em competições internacionais	643.3 (548.8)	678.5 (599.4)	983.7 (872.6)	958.27 (665.4)	573.6 (412.1)	445.0 (235.1)	1274.5 (511.1)	803.3 ^a (679.3)	2777.9 (1437.4)	3475.2 (1755.8)
Golos marcados	1.21 (2.0)	1.53 (3.2)	2.21 (3.2)	1.8 (2.9)	0.79 (1.5)	0.53 (0.92)	1.68 (1.9)	1.47 (3.2)	5.33 (8.3)	5.9 (6.4)
Cartões amarelos / vermelhos	0.53 (0.9)	0.27 (0.59)	1.79 (2.7)	0.80 (1.1)	1.3 (1.4)	0.27 ^b (0.59)	2.6 (2.6)	0.53° (.74)	6.2 (1.7)	1.9 ^d (5.3)

Nota: $^aU = 62.0$, p = 0.02; $^bU = 76.0$, p = 0.01; $^cU = 54.5$, p = 0.002; $^dU = 57.5$, p = 0.003; E- Elite; NE- Não Elite

A análise dos padrões de treino mostra que os grupos não diferem quanto ao número de atividades e de horas acumuladas de prática estruturada e não-estruturada (Tab.7), reforçando os resultados de outros estudos [10, 11]. Todavia, todos os jogadores referiram que ao longo do seu percurso tiveram oportunidade de treinar e competir, de forma regular, com pares mais velhos.

Constatou-se as influências psicossociais exercidas por pais, irmãos e treinadores [12, 13] para especialização numa modalidade desportiva, ou de pressão e/ou suporte. Contradizendo investigações anteriores [10], ambos os grupos expressaram uma perceção semelhante das influências psicossociais.



Tabela 7 – Estatística descritiva (média e desvio padrão), friedman (χ 2) and Mann-Whitney U test relativos aos padrões de treino e influências psicossociais para o grupo de elite e não elite.

			Elite			Não-elite				
	Estágio 1 6-12	Estágio 2 13-15	Estágio 3 16-18	Comparação ao longo dos diferentes estágios	Estágio 1 6-12	Estágio 2 13-15	Estágio 3 16-18	Comparação ao longo dos diferentes estágios		
				Padrõe	s de Treino					
Nº de atividades estruturadas	1.64 (.84)	1.29 (.61)	1.07 (0.27)	χ2(2) = 8.40, p = 0.02	1.44 (.51)	1.06 (.25)	1.00 (0.00)	χ2(2) = 12.29, p = 0.02		
N° horas de atividades estruturadas	697.9 (207.1)	767.7 (173.7)	681.6 (130.9)	$\chi 2(2) = 12.29, p = 0.00$	675.6 (82.0)	753.1 (124.9)	835 (83.5)	$\chi 2(2) = 10.07, p = 0.01$		
Nº de atividades não estruturadas	1.79 (0.69)	1.5 (0.5)	1.4 (0.49)	$\chi 2(2) = 10.52, p = 0.01$	1.69 (.70)	1.25 (.45)	1.06 (.25)	$\chi 2(2) = 6.22, p = 0.04$		
Nº horas de atividades estruturadas	1537.14 (449.8)	1475.5 (500.1)	398.6 (158.5)	χ2(2) = 29,79, p = 0.00	14613 (293.6)	1340.0 (302.9)	458.8 (109.6)	χ2(2) = 26,09, p = 0.00		
	Influências Psicossociais									
Suporte Parental ¹	80.9 (14.5)	90.3 (8.1)	95.3 (6.2)	χ2(2) = 18,88, p = 0.00	66.4 (32.9)	82.1 (30.2)	90.4 (26.7)	χ2(2) = 15,2, p = 0.00		
Pressão Parental ¹	1.9	2.8 (4.8)	2.8 (4.8)	$\chi 2(2) = 4,00, p = 0.14$	1.1 (2.9)	3.1 (6.3)	2.5 (4.7)	$\chi 2(2) = 6,00, p = 0.05$		
Influência de irmãos²	1.6 (1.8)	2.0 (1.9)	1.8 (1.9)	$\chi 2(2) = 3,6, p = 0.12$	0.9 (1.2)	1.1 (1.4)	0.9 (1.2)	$\chi 2(2) = 2,7, p = 0.10$		
Suporte do treinador ¹	69.7* (11.6)	84.4 (11.5)	92.8 (6.8)	χ2(2) = 28,9, p = 0.00	50.4* (28.0)	80.4 (25.3)	82.5 (27.9)	$\chi 2(2) = 17,74, p = 0.00$		
Influência de pares do	3.1 (1.2)	4.6 (0.6)	4.8 (0.4)	χ2(2) = 20,93, p = 0.00	2.4 (1.3)	3.8 (1.6)	4.3 (1.4)	χ2(2) = 17,57, p = 0.00		
desporto ² Influência de pares da escola ²	2.1 (0.9)	2.0 (0.9)	1.9 (0.9)	χ2(2) = 2,27, p = 0.32	1.5 (0.9)	1.7 (1.1)	1.7 (1.3)	χ2(2) = 1,53, p = 0.47		

Notas: Não existem diferenças estatisticamente significativas quando comparados os dois grupos relativamente às diversas variáveis sob análise (*exceção para a variável suporte do treinador no período dos 6-12 anos), razão pela qual não são apresentados valores relativos ao Mann-Whitney *U* test na tabela anterior; ¹Número por ano; ²Horas por ano.

As entrevistas mostram que o grupo de "elite" e "não-elite" se distinguem, essencialmente, devido a: (1) transição júnior/sénior; (2) lesões; (3) decisões de carreira; (4) relações com treinadores/empresários; (5) oportunidades.

...fui operado sete vezes. Parti uma rótula e só devido a isso fui operado três vezes, num espaço de praticamente dois meses.

Amaral

O sucesso tem a ver com os *timings*. (...) com os treinadores com que trabalhas (...) a decisão de ir para um clube ou outro...

Paulo Sousa

Houve grandes jogadores que não conseguiram, porque talvez não estivessem no momento certo, no lugar certo, com as pessoas certas.

Abel Xavier



As lesões e a relação treinador-atleta vão ao encontro da literatura científica [4]. O mesmo não acontece com os restantes fatores, merecendo mais investigação. O ambiente social exerce uma influência fundamental no desenvolvimento dos futebolistas [1, 3], na sua autonomia, performance e, também, na boa ou má experiência para lidar com as exigências sócio-profissionais.

Concluindo, o sucesso desta geração não se ficou a dever, apenas ao "talento" dos jogadores, mas também à liderança ativa e visão holística de Queiroz, que dinamizou um conjunto de profundas reformas que marcaram e perduram no futebol em Portugal.

Aplicações Práticas

O Modelo de Desenvolvimento da Geração de Ouro permite identificar lacunas do conhecimento relacionado com os fatores e as estratégias implicados no bom desenvolvimento do percurso desportivo.

Os resultados indicam que o rendimento superior sustentado envolve aspetos culturais, sociais, físicos, técnicos, organizacionais, e a sua articulação. Neste sentido, será profícuo que treinadores e investigadores centrem a sua atenção, em aspetos que estão para além do atleta e da equipa, incidindo no ambiente sociocultural, ajudando os atletas a lidar com constrangimentos e potenciando oportunidades existentes. A articulação destes fatores visa um percurso desportivamente produtivo e de crescimento pessoal, do atleta e do cidadão, como só uma cultura desportiva sustentada pode proporcionar.



BIBLIOGRAFIA

- Henriksen, K., N. Stambulova, and K.K. Roessler, Successful talent development in track and field: considering the role of environment. Scand J Med Sci Sports, 2010. 20 Suppl 2: p. 122-32.
- Araújo, D., et al., The Role of Ecological Constraints on Expertise Development. Talent Development & Excellence, 2010. 2(2): p. 165-179.
- Sarmento, H., et al., Talent Identification and Development in Male Football: A Systematic Review. Sports Medicine, 2018. 48(4): p. 907-931.
- Rees, T., et al., The Great British Medalists Project: A Review of Current Knowledge on the Development of the World's Best Sporting Talent. Sports Medicine, 2016. 46(8): p. 1041-1058.
- Stambulova, N., et al., ISSP Position stand: Career development and transitions of athletes. International Journal of Sport and Exercise Psychology, 2009. 7(4): p. 395-412.
- Côté, J., K. Ericsson, and M. Law, Tracing the development of elite athletes using retrospective interview methods. Journal of Applied Sport Psychology, 2005. 17: p. 1-19.
- Fraser-Thomas, J., J. Côté, and J. Deakin, Examining Adolescent Sport Dropout and Prolonged Engagement from a Developmental Perspective. Journal of Applied Sport Psychology, 2008. 20(3): p. 318-333.
- Davids, K., et al., Understanding environmental and task constraints on talent development, in Routledge handbook of talent identification and development in sport,
 J. Baker, et al., Editors. 2017, Routledge: London. p. 192-206.
- Lincon, Y., Emerging criteria for quality in qualitative and interpretive research.
 Qualitative Inquiry, 1995. 1: p. 275-289.
- Barreiros, A., Becoming an expert in sport: exploring the journey of Portuguese national team athletes, in Faculdade de desporto. 2012, Universidade do Porto: Porto.
- Ford, P.R. and A.M. Williams, The developmental activities engaged in by elite youth soccer players who progressed to professional status compared to those who did not. Psychology of Sport and Exercise, 2012. 13(3): p. 349-352.
- Lauer, L., et al., Parental behaviors that affect junior tennis player development.
 Psychology of Sport and Exercise, 2010. 11(6): p. 487-496.
- Salmela, J. and L. Moraes, Development of expertise: The role of coaching, families, and cultural contexts, in Expert performance in sports: Advances in research on sport expertise, J. Starkes and A. Erickson, Editors. 2003, Champaign: Human Kinetics Publisher. p. 275-294.